

SONDAGEM

ICS / ISCTE

Novembro/Dezembro 2020

Parte 2



ÍNDICE

1. Ficha técnica.....	2
2. Avaliação da situação económica	3
3. Avaliação da atuação do governo	6
4. Confiança na resposta das autoridades à pandemia	9
5. Avaliação das medidas do governo de resposta à pandemia	12
6. Avaliação da atuação de figuras políticas	16
7. Perspetivas sobre a atual governação	21
8. Intenção de voto em eleições legislativas	29

1. Ficha técnica

Este relatório baseia-se numa sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 11 e 25 de novembro de 2020. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram seleccionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (5 Regiões NUTII) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram seleccionados aleatoriamente 80 pontos de amostragem onde foram realizadas as entrevistas, de acordo com as quotas acima referidas.

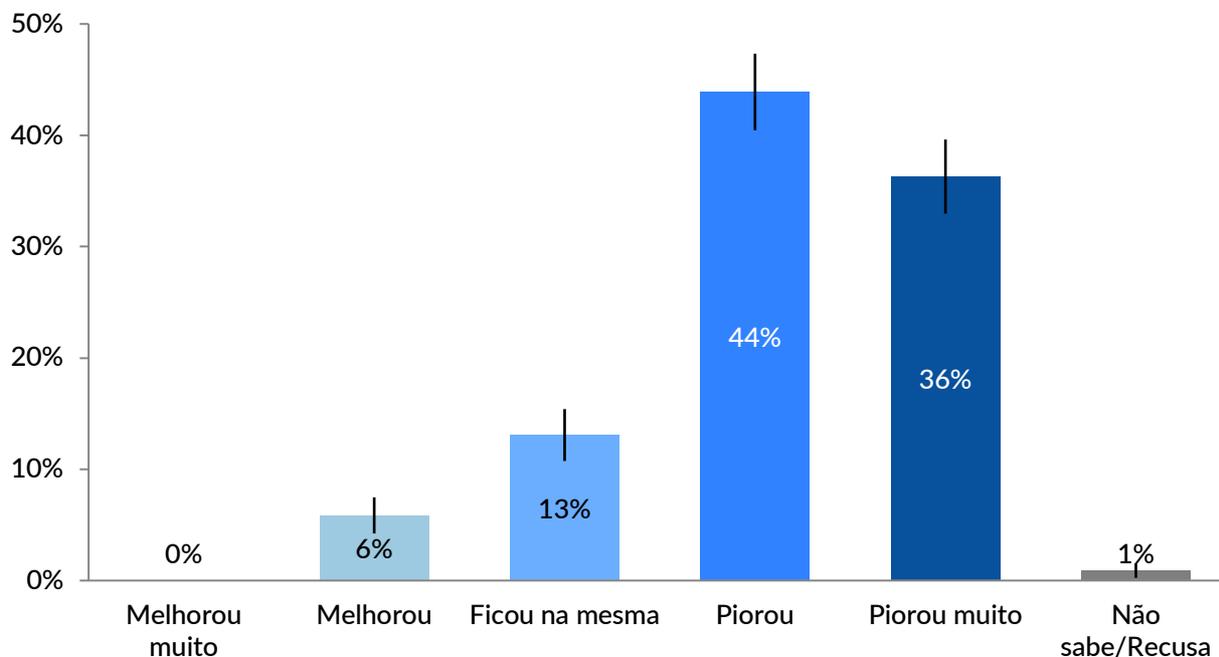
A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI, e a intenção de voto em eleições legislativas recolhida recorrendo a simulação de voto em urna. Foram contactados 2847 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 802 entrevistas válidas (taxa de resposta de 28%). O trabalho de campo foi realizado por 37 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses residentes no Continente com 18 ou mais anos, a partir dos dados da vaga mais recente do *European Social Survey* (Ronda 9). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 802 inquiridos é de +/- 3,5%, com um nível de confiança de 95%.

Nos gráficos seguintes, todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%. Todas as comparações com resultados das sondagens de março e maio de 2020 devem tomar em conta que, ao contrário desta, foram conduzidas pelo modo telefónico, o que pode ter alguma influência nos resultados. Para mais informações sobre a metodologia destas sondagens, em particular sobre como interpretar as barras de erro associadas às estimativas, pós-estratificação amostral e a metodologia aplicada para lidar com “indecisos” e não-respostas em questões sobre intenção de voto, consultar o nosso [site](#).

2. Avaliação da situação económica

"Falando agora sobre a situação da economia em Portugal: no último ano, acha que a situação da economia melhorou muito, melhorou, ficou na mesma, piorou ou piorou muito?"

% em relação ao total da amostra

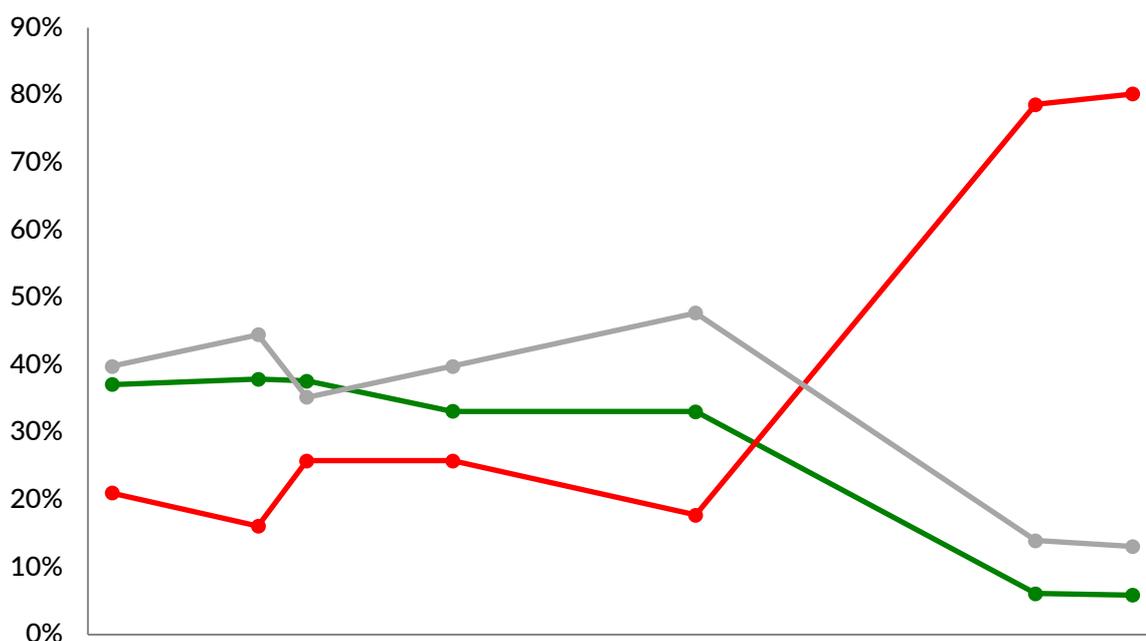


Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020. Valores são arredondamentos à unidade.

A opinião mais frequentemente expressa pelos inquiridos foi a de que, no último ano, a situação da economia portuguesa "piorou", opção escolhida por 44%. A proporção dos que detetaram uma melhoria da situação da economia (6%) é muitíssimo inferior à dos que detetaram a evolução oposta (80%).

Avaliação da situação da economia em Portugal

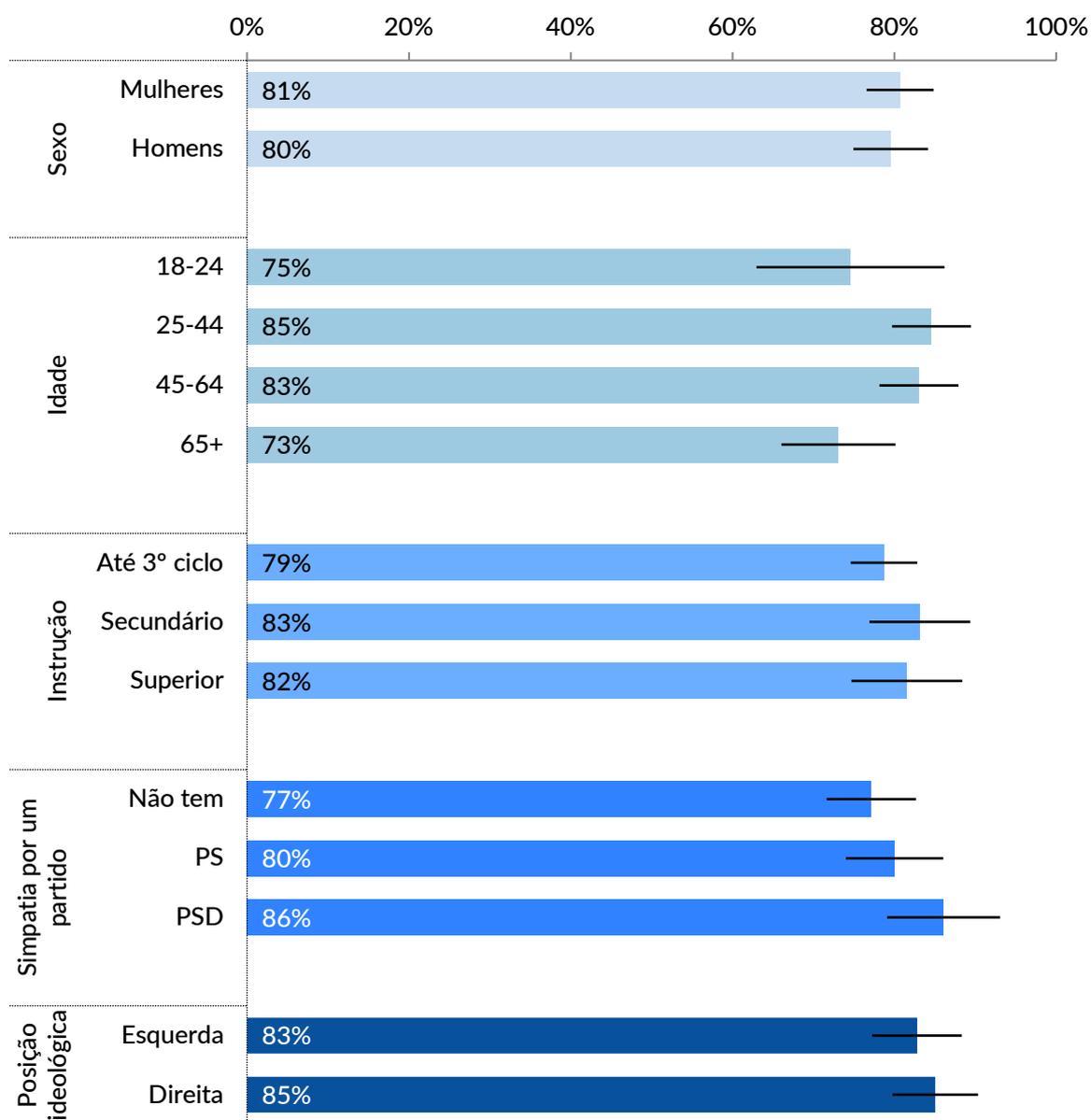
% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha



	21/02/19	03/05/19	27/06/19	05/09/19	05/02/20	24/09/20	25/11/20
Melhorou	37%	38%	38%	33%	33%	6%	6%
Piorou	21%	16%	26%	26%	18%	79%	80%
Na mesma	40%	45%	35%	40%	48%	14%	13%

Não há alterações significativas em relação a setembro passado.

Economia "Piorou muito"/"Piorou" no último ano
 % em relação ao total de inquiridos em cada grupo



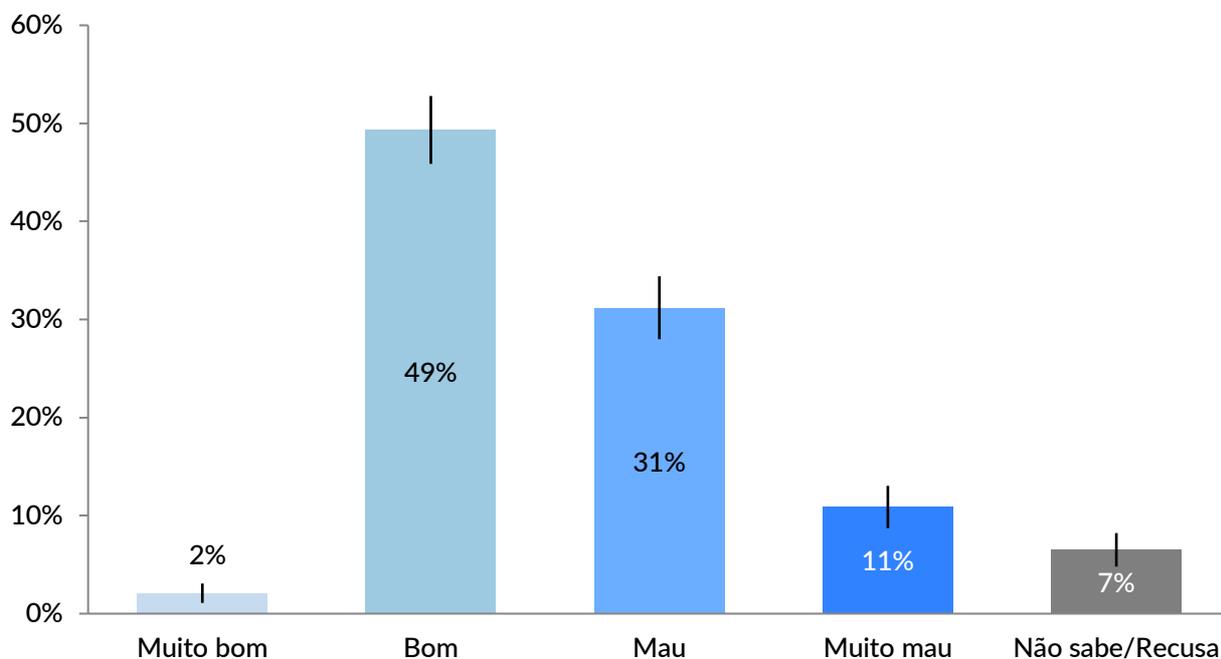
Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020. Valores são arredondamentos à unidade.

Tal como já sucedia em setembro passado, a perceção de uma degradação da situação económica no último ano é claramente maioritária e transversal a todos os sub-grupos analisados.

3. Avaliação da atuação do governo

"Pensando no desempenho geral do actual governo, como avaliaria esse desempenho? Diria que o governo está a fazer um trabalho..."

% em relação ao total da amostra

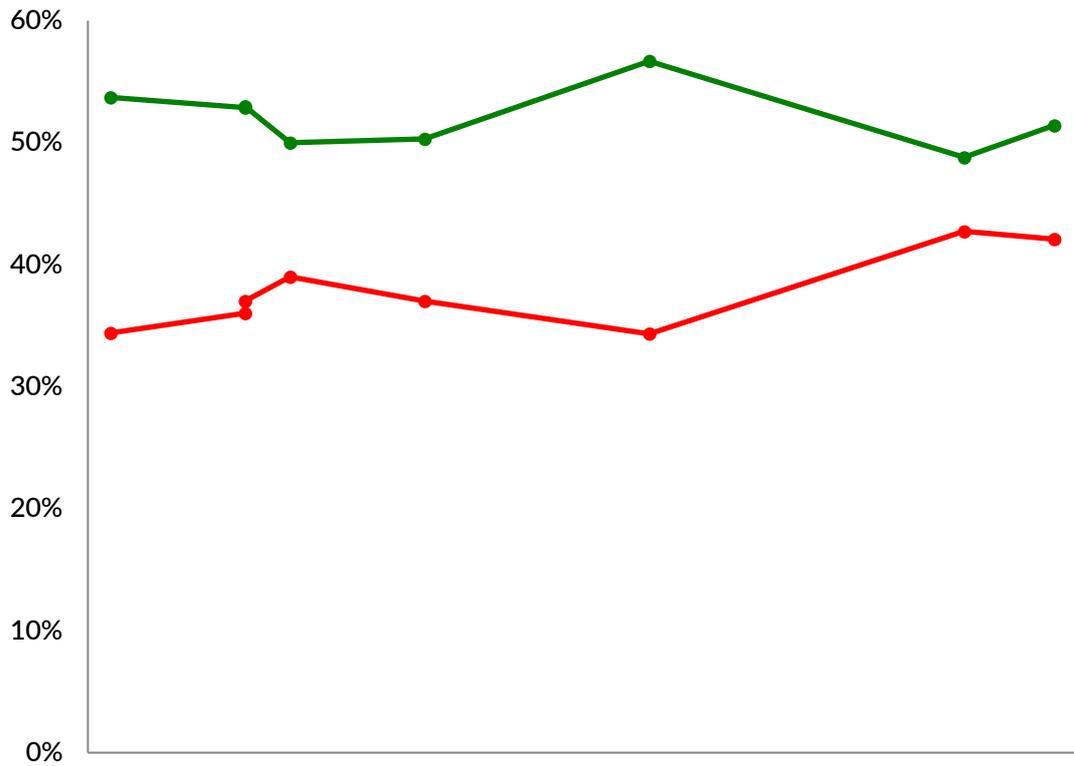


Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020. Valores são arredondamentos à unidade.

A opinião mais frequentemente expressa pelos inquiridos foi a de que o governo está a fazer um “bom trabalho”, opção escolhida por 49%. A percentagem de inquiridos que faz uma avaliação globalmente negativa da atuação do governo é de 42%, contra 51% que fazem uma avaliação globalmente positiva.

Governo está a fazer um trabalho "muito bom"/"bom" vs. "muito mau"/"mau"

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha

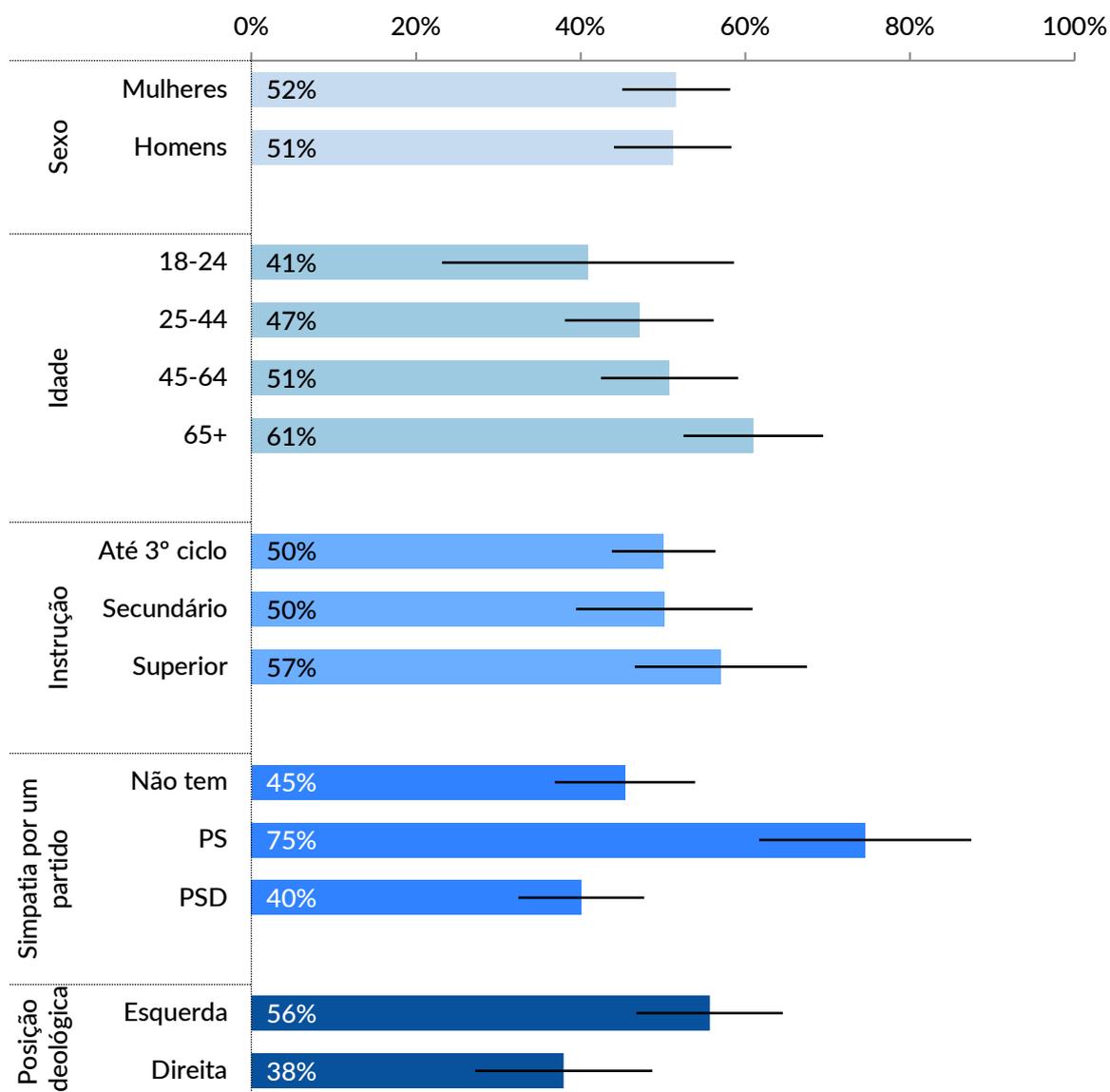


	21/02/19	03/05/19	12/05/19	27/06/19	05/09/19	05/02/20	24/09/20	25/11/20
● Muito bom + Bom	54%	53%	53%	50%	50%	57%	49%	51%
● Muito mau + Mau	34%	36%	37%	39%	37%	34%	43%	42%

Em comparação com setembro passado, não há alterações significativas na avaliação da atuação do governo.

Desempenho do governo: governo está a fazer um trabalho "Muito Bom"/"Bom"

% em relação ao total dos inquiridos em cada grupo



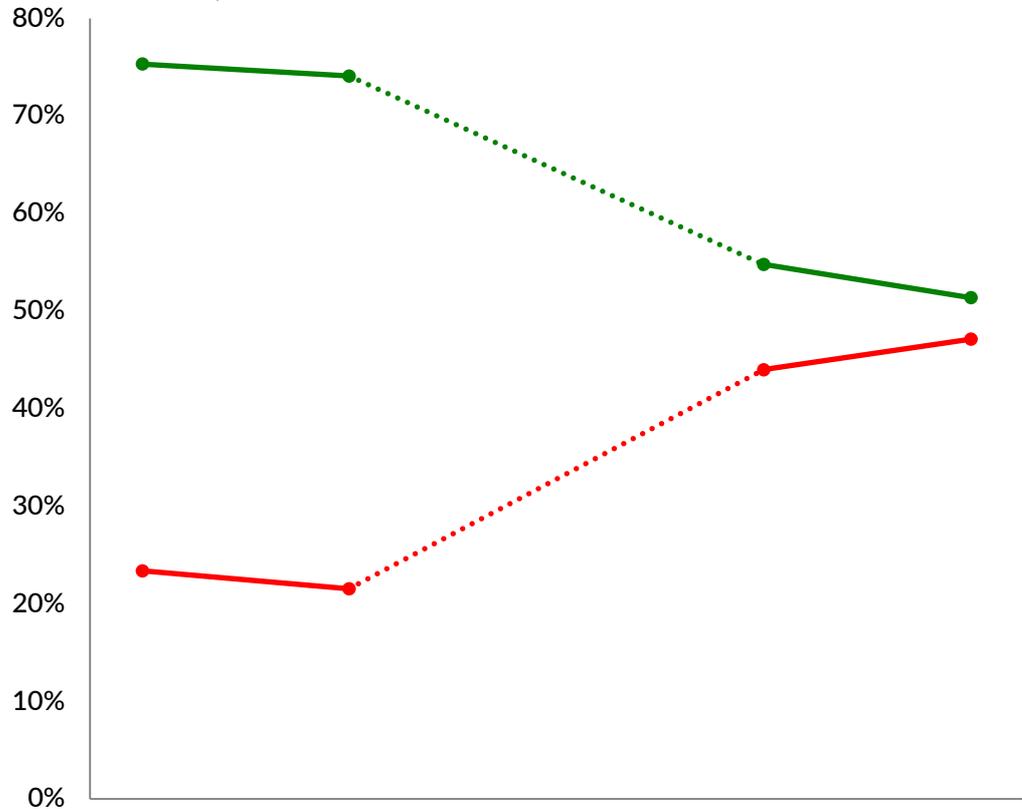
Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020. Valores são arredondamentos à unidade.

Neste estudo, há uma tendência para que a avaliação do governo seja tanto melhor quanto maior a idade dos inquiridos. Contudo, as predisposições partidárias e ideológicas são os fatores mais fortemente relacionados com a avaliação do governo. A percentagem dos simpatizantes do PS que fazem uma apreciação globalmente positiva da atuação do governo está 35 pontos acima da que se encontra entre os simpatizantes do PSD. A percentagem dos que se posicionam à esquerda e avaliam o governo positivamente é também superior à encontrada entre os inquiridos que se posicionam à direita, e a diferença é maior do que a que existia em setembro passado (18 pontos percentuais de diferença contra 7 pontos em setembro).

4. Confiança na resposta das autoridades à pandemia

"Na resposta que o primeiro-ministro está a dar à pandemia, está muito confiante, algo confiante, pouco confiante ou nada confiante?"

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha

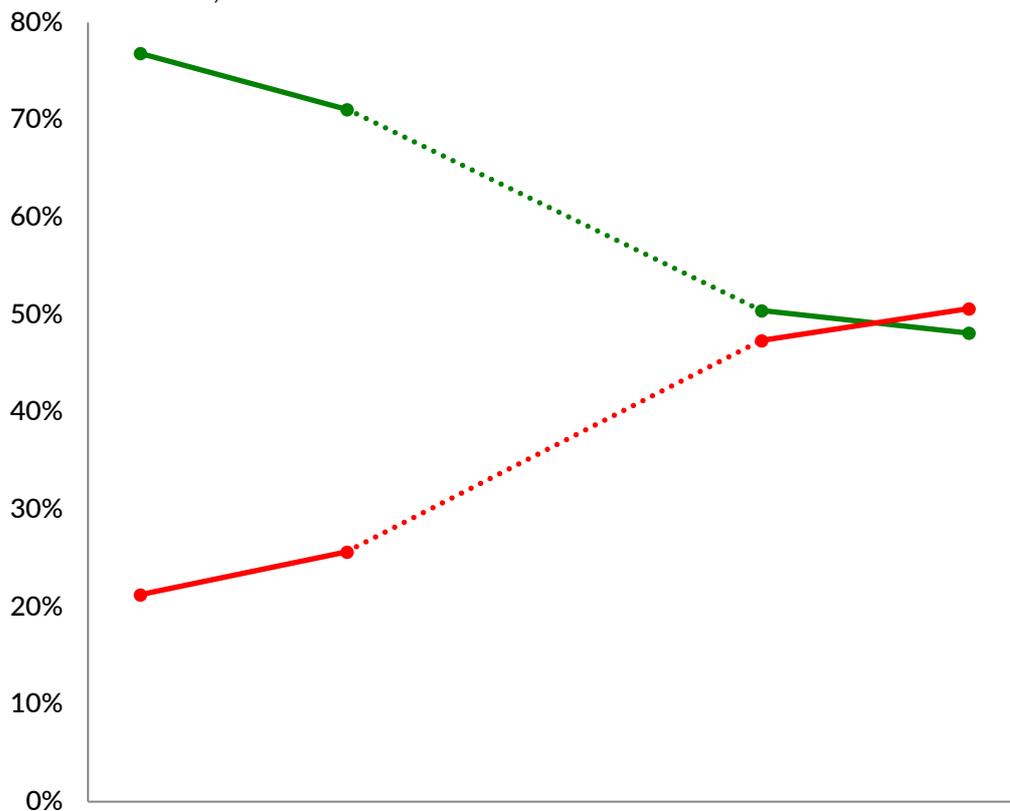


	22/03/20	10/05/20	24/09/20	25/11/20
—●— Muito + Algo Confiante	75%	74%	55%	51%
—●— Pouco + Nada Confiante	23%	22%	44%	47%

Na amostra, continua a haver mais inquiridos que se dizem “muito” ou “algo” confiantes em relação à resposta que o primeiro-ministro está a dar à pandemia (51%) do que aqueles que se dizem “pouco” ou “nada” confiantes (47%). Contudo, esta diferença de 4 pontos percentuais não é estatisticamente significativa.

"Na resposta que a Direção Geral de Saúde está a dar à pandemia, está muito confiante, algo confiante, pouco confiante ou nada confiante?"

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha

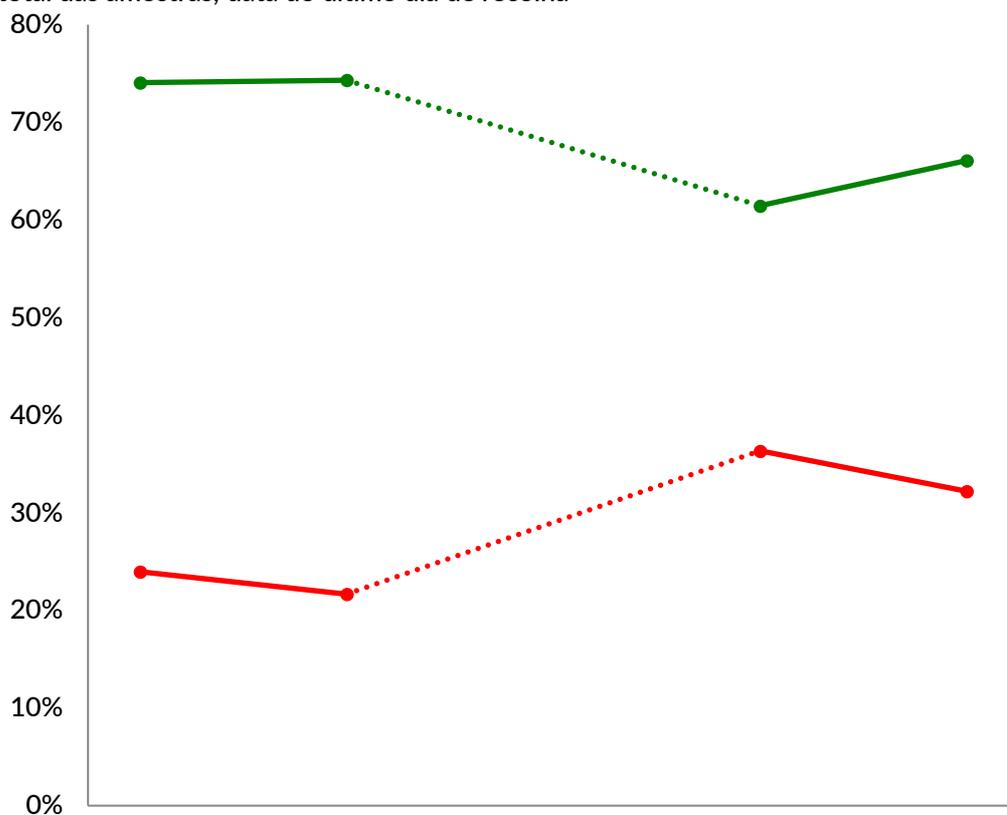


	22/03/20	10/05/20	24/09/20	25/11/20
—●— Muito + Algo Confiante	77%	71%	50%	48%
—●— Pouco + Nada Confiante	21%	26%	47%	51%

Na amostra, passou a haver mais inquiridos que se dizem “pouco” ou “nada” confiantes em relação à resposta que a DGS está a dar à pandemia (51%) do que os que se dizem “muito” ou “algo” confiantes (48%). Contudo, esta diferença de 3 pontos percentuais não é estatisticamente significativa, tal como a anterior também já não o era.

"Na resposta que o Presidente da República está a dar à pandemia, está muito confiante, algo confiante, pouco confiante ou nada confiante?"

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha



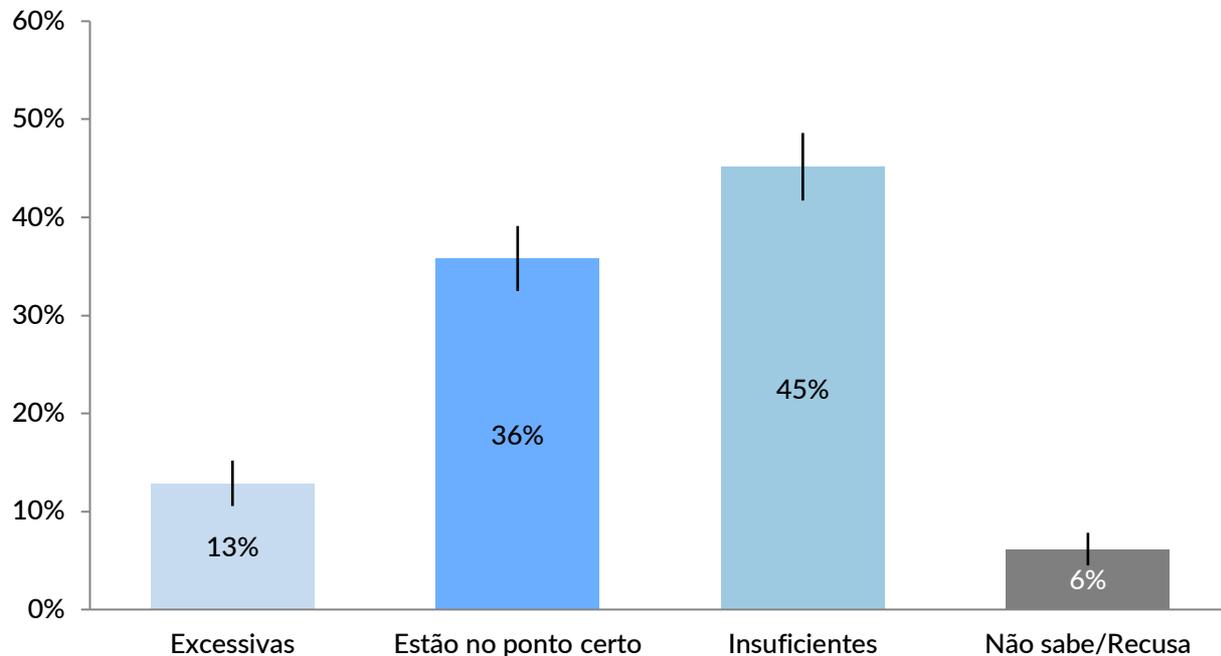
	22/03/20	10/05/20	24/09/20	25/11/20
—●— Muito + Algo Confiante	74%	74%	61%	66%
—●— Pouco + Nada Confiante	24%	22%	36%	32%

Pela primeira vez, a confiança na resposta que o Presidente da República está a dar à pandemia segue uma tendência diferente da que se verifica para o primeiro-ministro ou a DGS: apesar de não chegar aos níveis de março ou maio, houve um aumento de setembro para novembro da percentagem de inquiridos que diz estar “muito” ou “algo” confiantes nessa resposta.

5. Avaliação das medidas do governo de resposta à pandemia

"Em geral, acha que as medidas tomadas até agora pelo governo para limitar o contágio por Covid-19 têm sido excessivas, insuficientes, ou estão no ponto certo?"

% em relação ao total da amostra

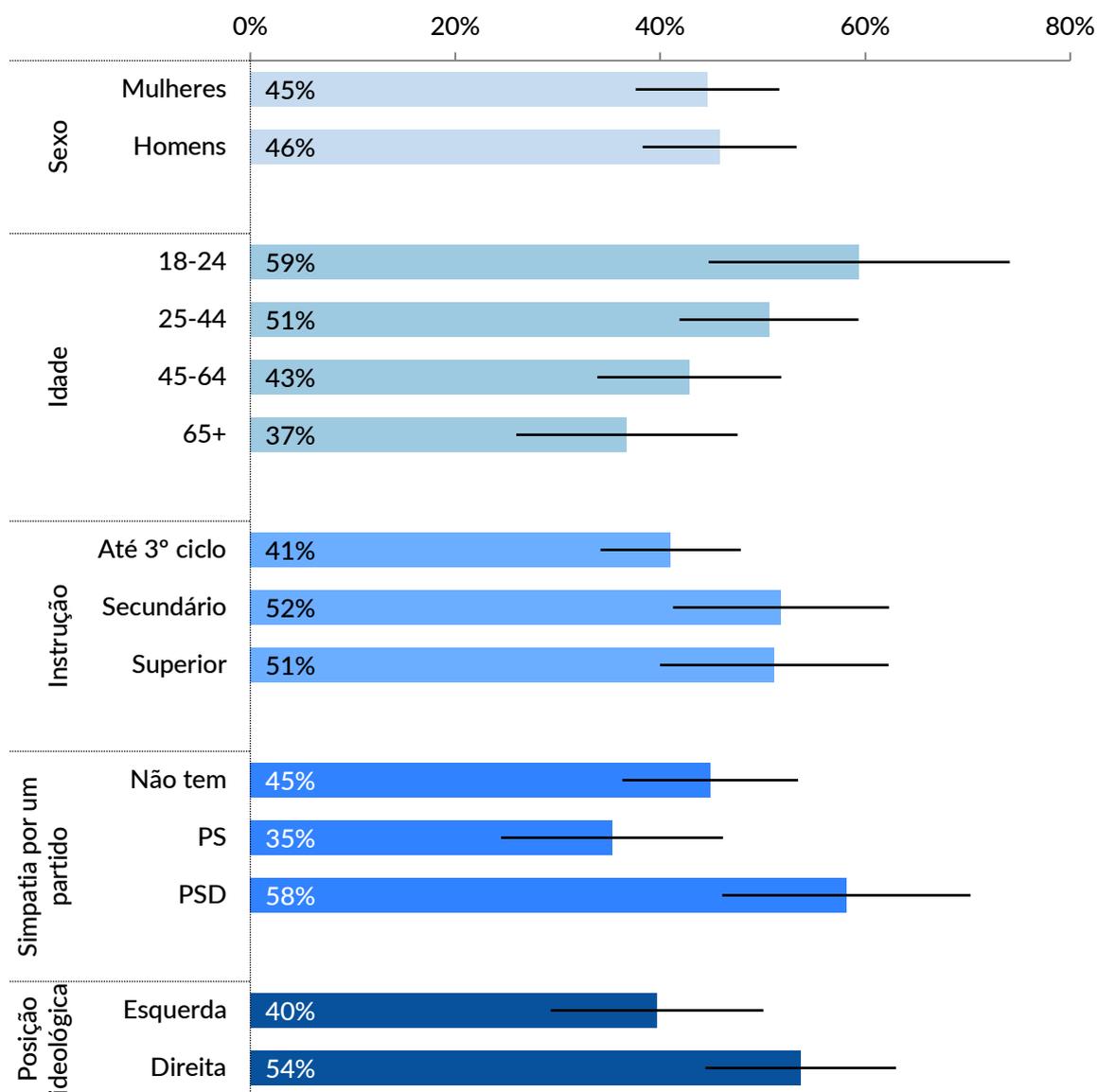


Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020. Valores são arredondamentos à unidade.

A opinião mais frequentemente expressa pelos inquiridos foi a de que as medidas tomadas até agora pelo governo para limitar o contágio por Covid-19 têm sido insuficientes (45%). Em contrapartida, apenas 13% consideram as medidas excessivas.

As medidas tomadas até agora pelo governo para limitar o contágio por Covid-19 têm sido insuficientes.

% em relação ao total dos inquiridos em cada grupo

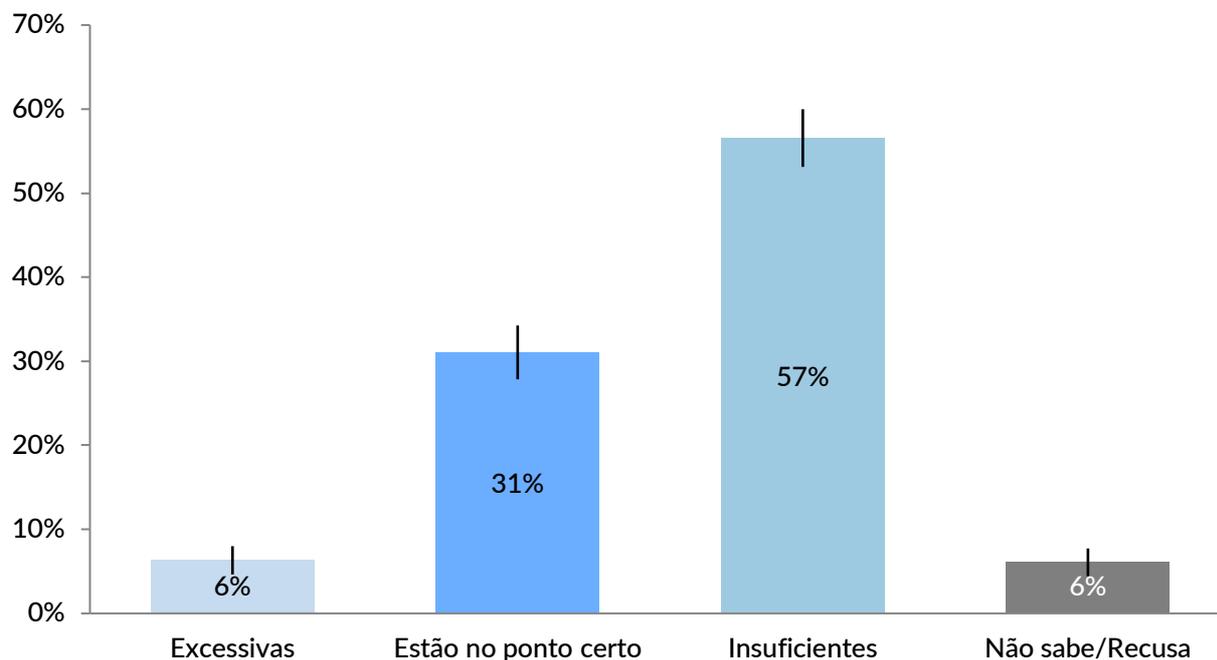


Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020. Valores são arredondamentos à unidade.

Quanto mais jovens os inquiridos, maior a propensão para acharem que as medidas tomadas pelo governo para limitar o contágio têm sido insuficientes. Para além disso, as predisposições políticas e ideológicas dos indivíduos estão também relacionadas com esta opinião: ela é mais frequentemente expressa pelos eleitores que simpatizam com o PSD ou que se posicionam ideologicamente à direita.

"E acha que as medidas tomadas até agora pelo governo para reforçar a capacidade de resposta do Serviço Nacional de Saúde têm sido excessivas, insuficientes ou estão no ponto certo?"

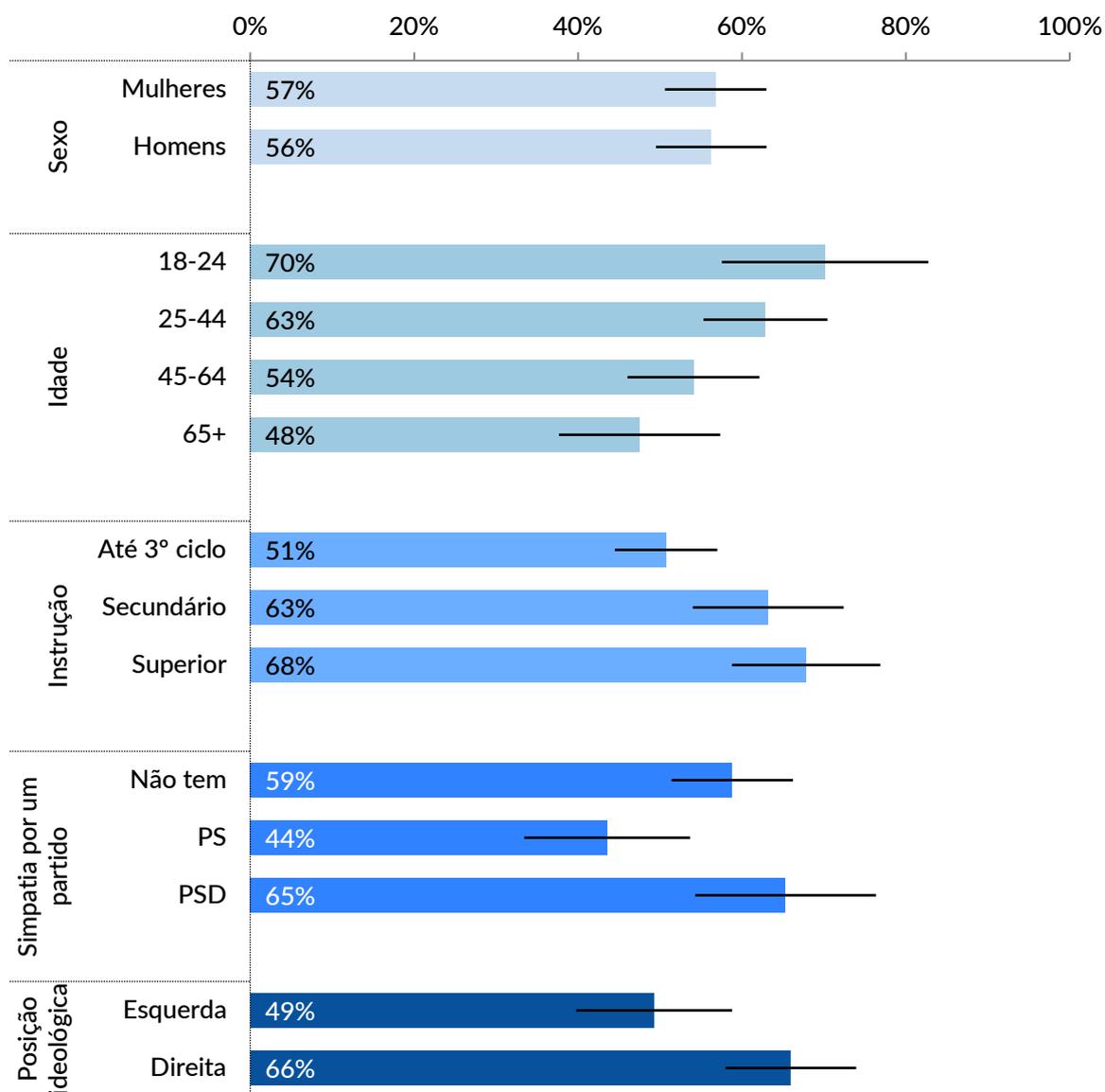
% em relação ao total da amostra



Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020. Valores são arredondamentos à unidade.

A opinião mais frequentemente expressa pelos inquiridos foi a de que as medidas tomadas até agora pelo governo para reforçar a capacidade de resposta do Serviço Nacional de Saúde têm sido insuficientes (57%). Quase um terço dos inquiridos consideram-nas adequadas.

As medidas tomadas até agora pelo governo para reforçar a capacidade de resposta do Serviço Nacional de Saúde têm sido insuficientes
 % em relação ao total dos inquiridos em cada grupo



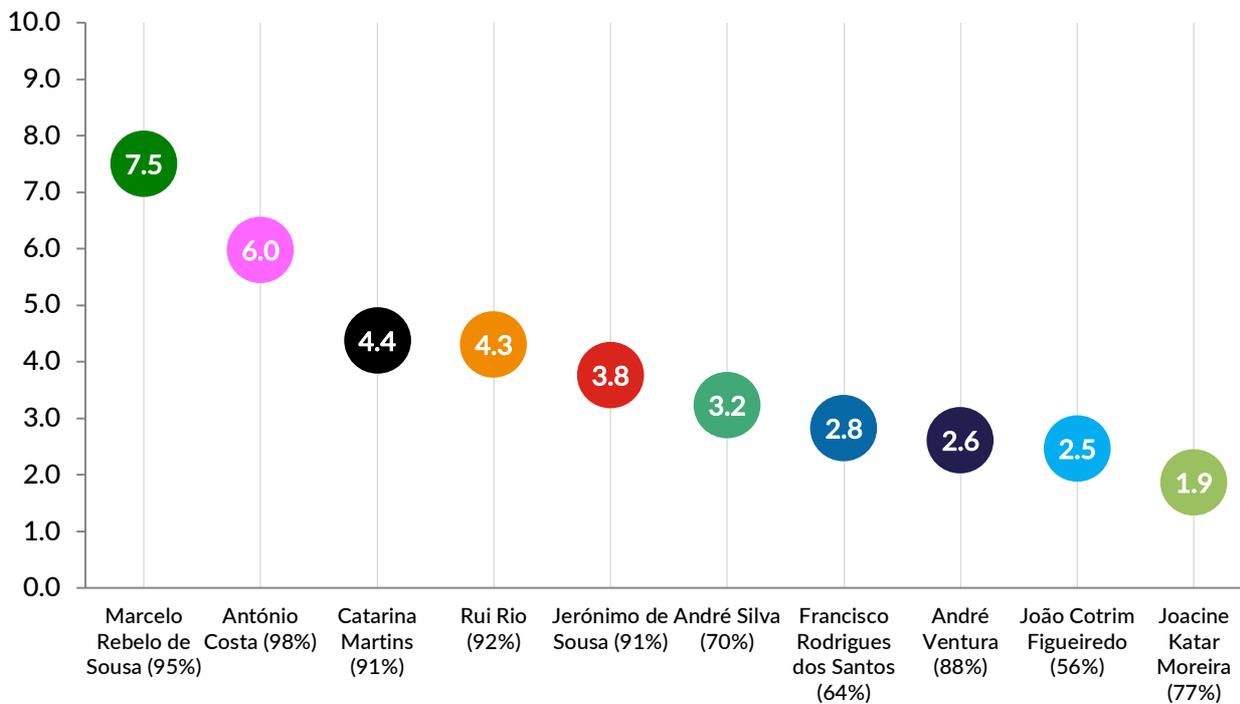
Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020. Valores são arredondamentos à unidade.

Quanto mais jovens e mais instruídos os inquiridos, maior a propensão para acharem que as medidas tomadas pelo governo para reforçar o SNS são insuficientes. Para além disso, as predisposições políticas e ideológicas dos indivíduos estão também relacionadas com esta opinião: ela é mais frequentemente expressa pelos eleitores que simpatizam com o PSD, que não simpatizam com qualquer partido ou que se posicionam ideologicamente à direita.

6. Avaliação da atuação de figuras políticas

Avaliação da actuação recente de figuras políticas, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Avaliação média dos inquiridos com respostas válidas; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação

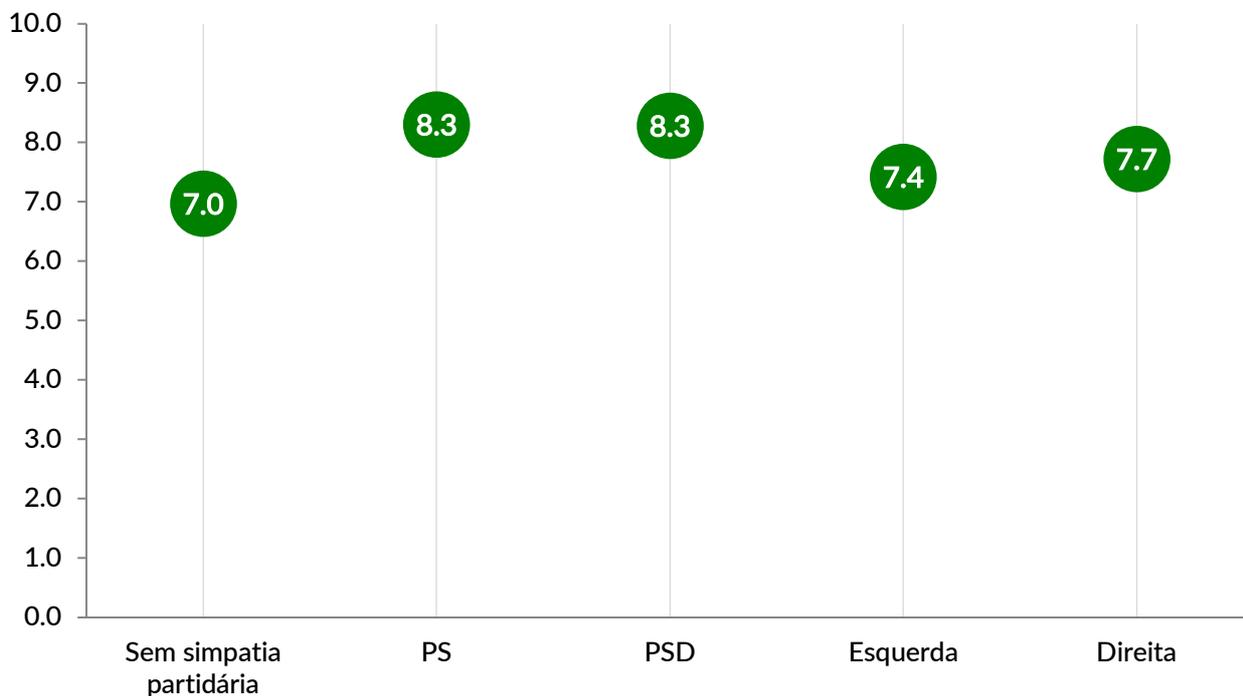


Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020.

Marcelo Rebelo de Sousa é a figura política cuja atuação é mais bem avaliada pelos inquiridos. Segue-se António Costa, a outra figura política cuja avaliação média se situa acima do ponto central da escala. Segue-se um grupo formado por Catarina Martins e Rui Rio. Seguem-se Jerónimo de Sousa, André Silva, Francisco Rodrigues dos Santos, André Ventura, João Cotrim Figueiredo e, finalmente, Joacine Katar Moreira. Verificam-se diferenças muito significativas na capacidade dos inquiridos avaliarem diferentes figuras políticas. Enquanto 98% avaliam António Costa, apenas 56% são capazes de avaliar João Cotrim de Figueiredo. Já André Ventura e Joacine Katar Moreira, apesar de receberem avaliações médias globalmente negativas, são avaliados por parcelas grandes dos inquiridos (88% e 77%, respetivamente).

Avaliação da atuação recente de Marcelo Rebelo de Sousa para diferentes grupos de simpatia partidária e posicionamento ideológico, de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

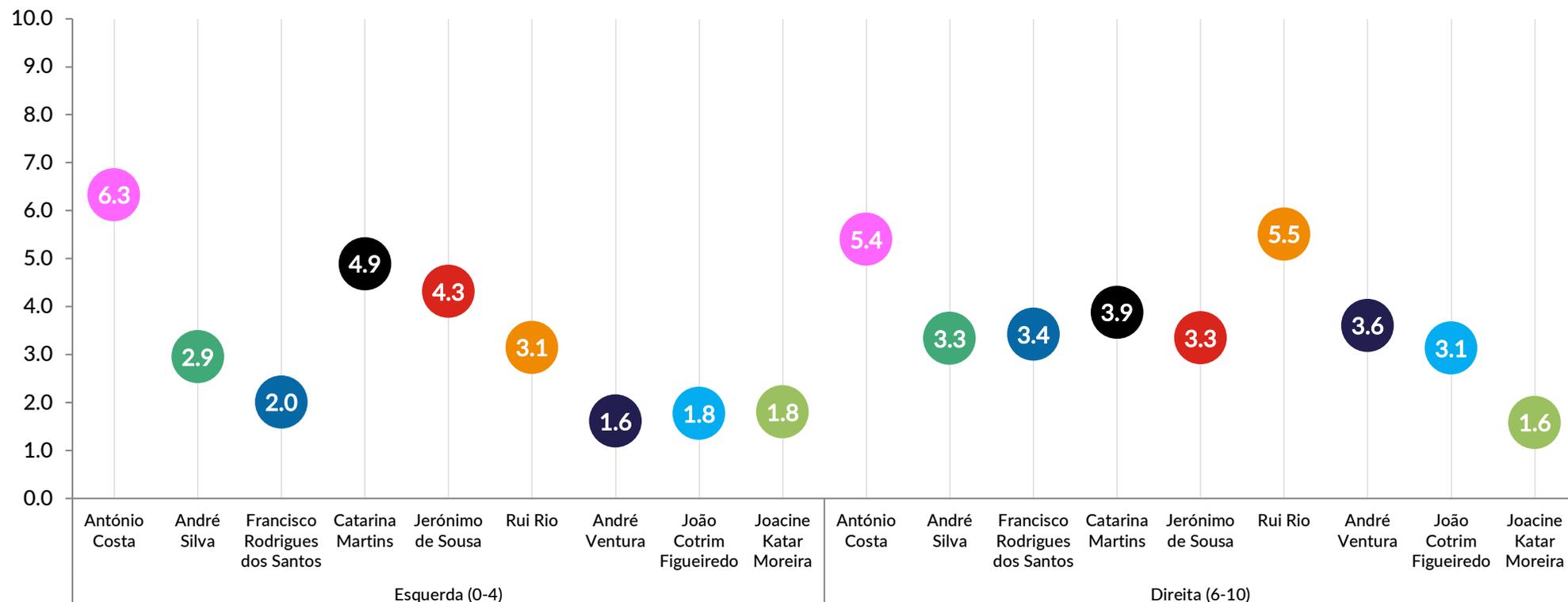
Avaliação média de cada grupo de simpatia partidária e posicionamento ideológico



Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020.

A atuação do Presidente da República recebe uma avaliação globalmente positiva tanto entre os eleitores que se identificam com o PS como entre os que se dizem próximos do PSD – e o mesmo sucede entre os que se posicionam à esquerda ou à direita. Entre os eleitores sem simpatia partidária, a atuação do Presidente recebe uma avaliação um pouco mais baixa, mas ainda assim francamente positiva.

Avaliação da atuação recente de líderes políticos, de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")
 Avaliação média de cada grupo de posicionamento ideológico

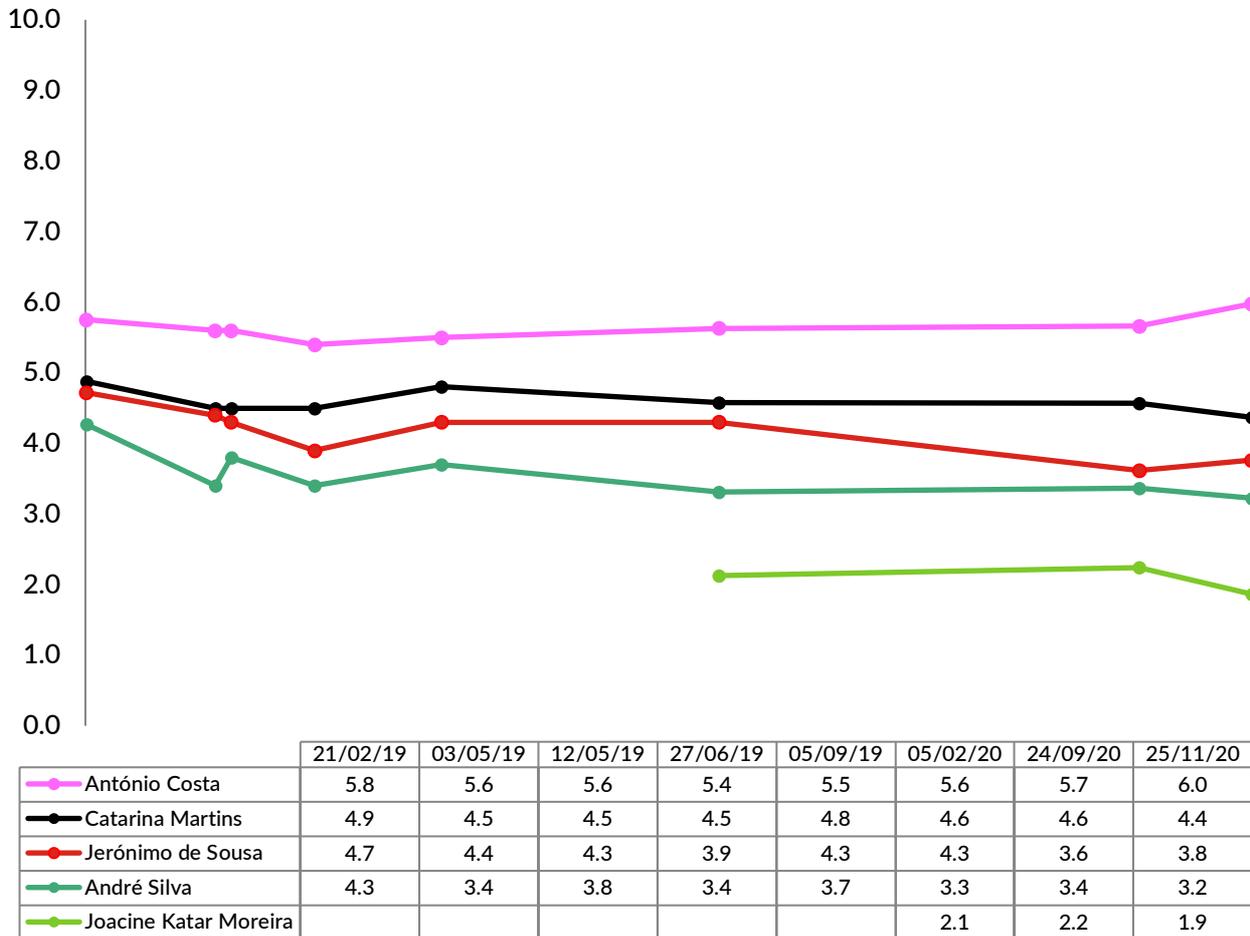


Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020.

Entre os eleitores que se posicionam à esquerda, apenas António Costa tem uma avaliação, em média, acima do ponto central da escala (ou seja, globalmente positiva). Entre os eleitores que se posicionam à direita, apenas Rui Rio e António Costa têm uma avaliação média acima desse ponto central. Entre os eleitores que se posicionam à direita, algumas figuras políticas de partidos dessa área política (André Ventura, Francisco Rodrigues dos Santos ou João Cotrim Figueiredo, por exemplo) são avaliados menos positivamente do que António Costa ou Catarina Martins. Entre as figuras políticas sobre as quais foi colocada esta questão, Joacine Katar Moreira é a figura avaliada mais negativamente quer à esquerda (a par de João Cotrim Figueiredo) quer à direita.

Evolução da avaliação média da atuação recente de figuras políticas de esquerda/centro-esquerda, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

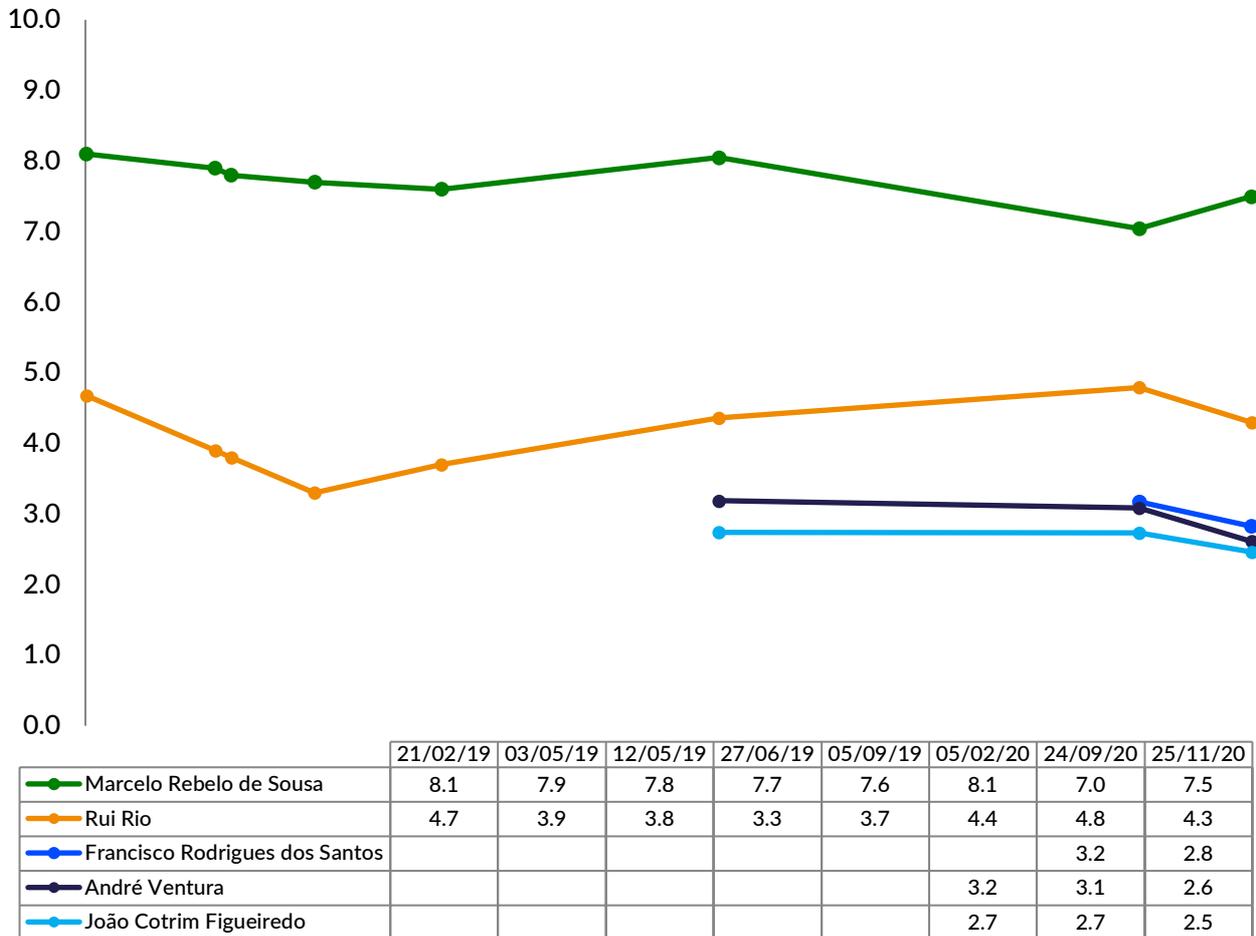
Avaliações médias dos inquiridos com respostas válidas;



Ao longo do tempo, as avaliações feitas sobre a atuação de figuras de partidos de esquerda/centro-esquerda têm sido bastante estáveis. Apesar disso, assinala-se que António Costa obtém o melhor resultado desde que estas sondagens são realizadas.

Evolução da avaliação média da atuação recente do Presidente e de figuras políticas de direita/centro-direita, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Avaliações médias dos inquiridos com respostas válidas;

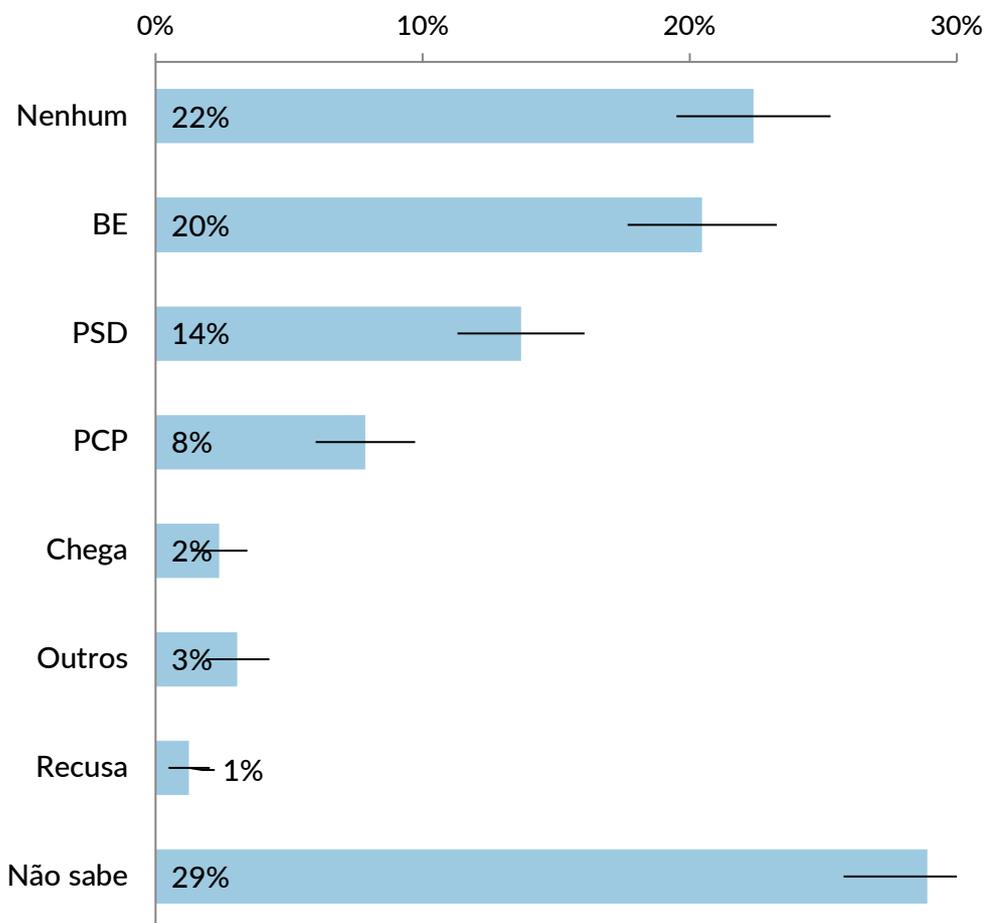


Esta sondagem mostra uma quebra na tendência de constante melhoria da avaliação da atuação de Rui Rio que se verificava desde Junho de 2019. Já a avaliação da atuação do Presidente da República, que em setembro passado tinha atingido o ponto mais baixo desde fevereiro de 2019, recuperou ligeiramente.

7. Perspetivas sobre a atual governação

Há algum partido a que o PS deveria dar prioridade nas negociações para aprovar leis no parlamento?

% em relação ao total da amostra



Recolha 11 a 25 de novembro de 2020.

Questionados sobre os partidos com que o PS deve negociar para garantir a aprovação de leis no parlamento, destacam-se os que dizem que não têm uma opinião, representando perto de 1/3 dos inquiridos. Entre os restantes, 22% acham que o PS não deve negociar com nenhum outro partido, 20% veem o BE como aliado preferencial e 14% consideram o PSD a melhor escolha. Os restantes partidos apenas são mencionados por percentagens baixas de inquiridos (PCP, 8%; Outros, 3% e Chega, 2%)

Há algum partido a que o PS deveria dar prioridade nas negociações para aprovar leis no parlamento?

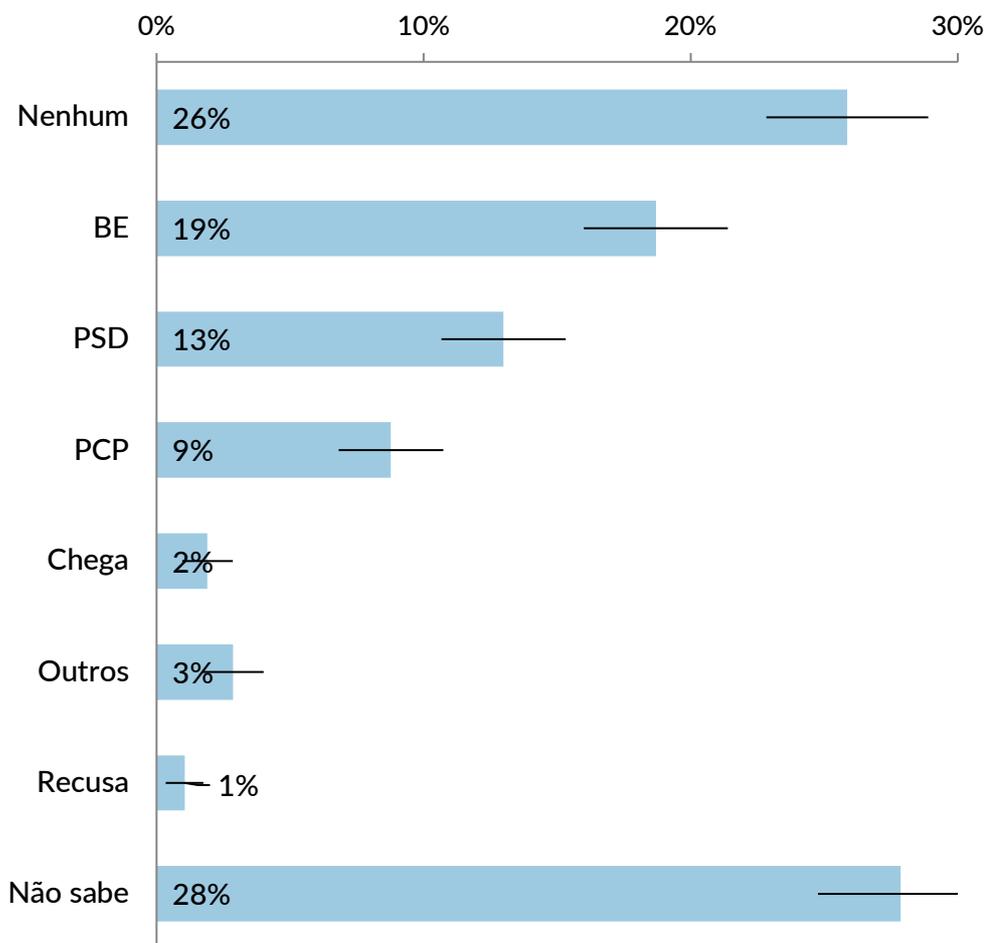
% por grupo de posicionamento ideológico, em linha

	Nenhum	Ao BE	Ao PCP	Ao PSD	A outro	Não sabe/ Recusa
Esquerda (0-4)	20%	38%	21%	3%	1%	17%
Centro (5)	29%	20%	5%	12%	5%	28%
Direita (6-10)	20%	10%	2%	34%	13%	22%

Entre os eleitores que se posicionam ideologicamente à esquerda, o partido mais mencionado como sendo aquele a que o PS deveria dar prioridade para negociar é o Bloco de Esquerda, com 38% das menções. Entre os eleitores que se posicionam à direita, o PSD é o partido mais mencionado, com 34% das menções. Entre os eleitores que se posicionam exatamente ao centro, apenas 42% mencionam qualquer partido.

E acha que há algum partido em especial que deveria estar mais disponível para negociar com o PS?

% em relação ao total da amostra



Recolha 11 a 25 de novembro de 2020.

Quando a questão é colocada nos termos inversos, ou seja, quais os partidos que deveriam estar disponíveis para negociar com o PS, mantém-se a proporção dos que não têm opinião, mas há uma diferença a assinalar: mais de 1/4 acha que nenhum partido devia assumir este papel. Relativamente aos restantes partidos não há diferenças expressivas em comparação com a pergunta anterior. Assim, o Bloco de Esquerda mantém-se como o partido que mais portugueses consideram que deve estar disponível para negociar com o PS (19%), seguido do PSD (13%). Todos os restantes partidos são referidos por menos de 10% dos inquiridos.

E acha que há algum partido em especial que deveria estar mais disponível para negociar com o PS?

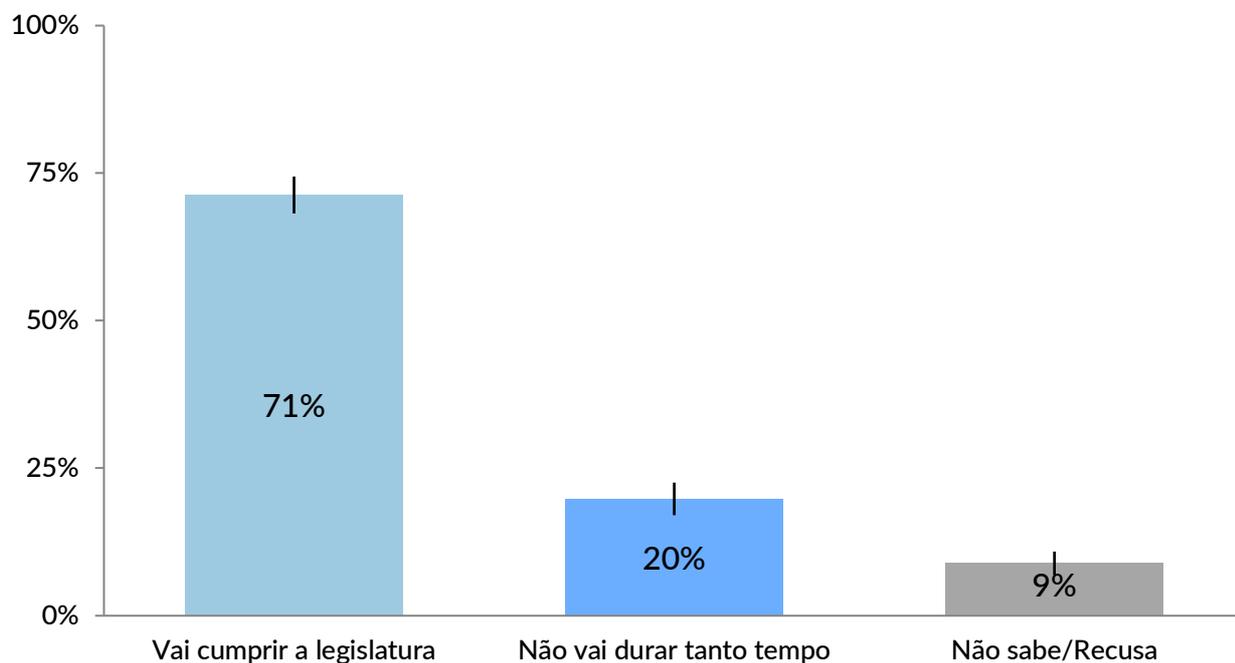
% em relação ao total da amostra

	Nenhum	O BE	O PCP	O PSD	Outro	Não sabe/ Recusa
Esquerda (0-4)	28%	33%	20%	4%	1%	14%
Centro (5)	31%	17%	7%	12%	5%	29%
Direita (6-10)	23%	12%	4%	30%	10%	20%

Entre os eleitores que se posicionam ideologicamente à esquerda, o partido mais mencionado como sendo aquele que deveria estar mais disponível para negociar com o PS é o Bloco de Esquerda, com 33% das menções. Entre os eleitores que se posicionam à direita, o PSD é o partido mais mencionado, com 30% das menções. Entre os eleitores que se posicionam exatamente ao centro, apenas 40% mencionam qualquer partido.

Falando sobre o atual Governo: acha que vai conseguir cumprir a totalidade da legislatura, até 2023, ou acha que não vai durar tanto tempo?

% em relação ao total da amostra

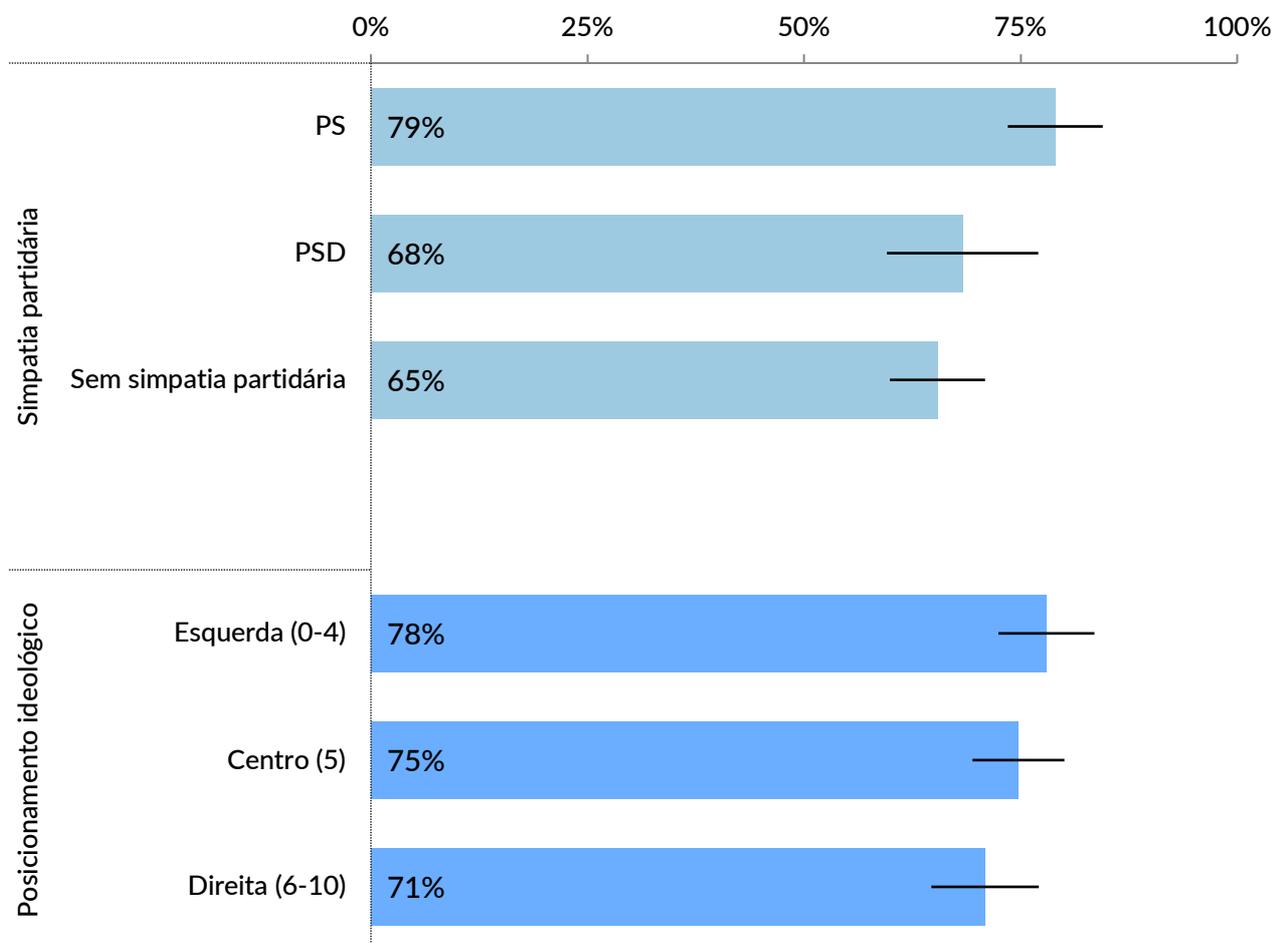


Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020

A grande maioria dos inquiridos (71%) acredita que o atual Governo vai cumprir a legislatura até 2023. Os que são de opinião contrária representam 20% dos inquiridos e 9% não têm opinião ou não responderam.

"Governo vai conseguir cumprir a totalidade da legislatura".

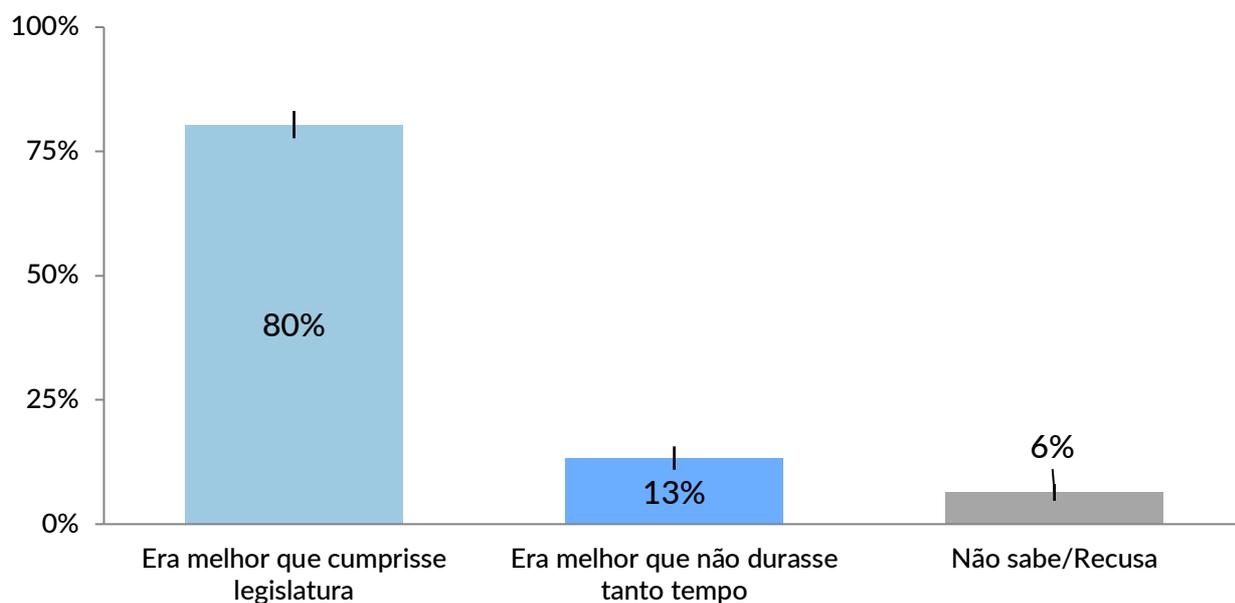
% em relação ao total dos inquiridos em cada grupo



Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020

A convicção de que o Governo atual vai cumprir a legislatura é mais forte entre os inquiridos que declararam simpatia partidária pelo PS ou que se colocaram nas posições ideológicas mais à esquerda (79% e 78%, respetivamente). Mesmo os inquiridos que têm simpatia pelo PSD ou se posicionam à direita do espectro ideológico consideram na sua larga maioria que o Governo de António Costa vai chegar ao final do mandato.

Era melhor que o Governo conseguisse cumprir a totalidade da legislatura ou era melhor que não durasse tanto tempo?
% em relação ao total da amostra

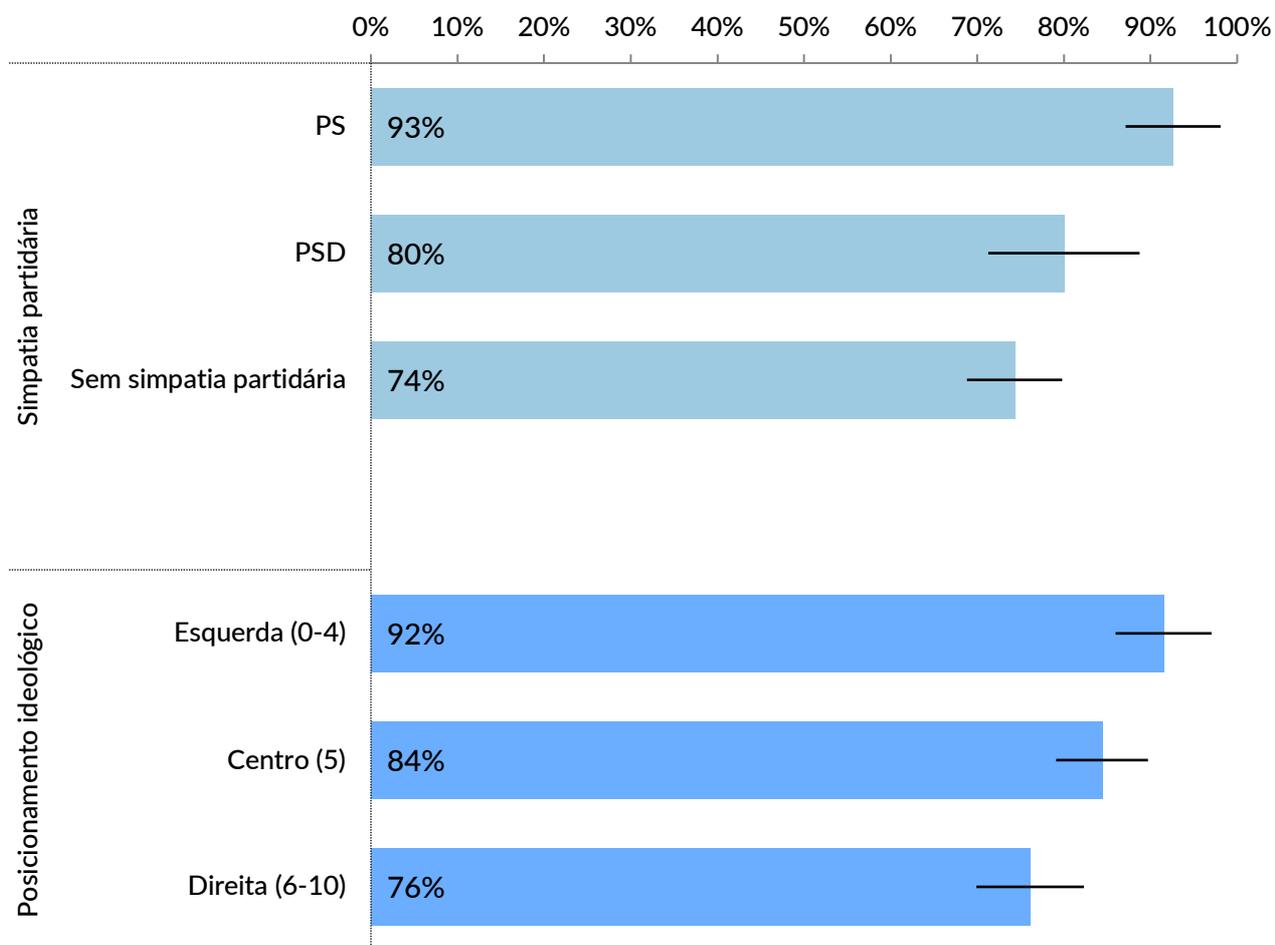


Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020

A preferência pela estabilidade ultrapassa a simples convicção de que o Governo vai cumprir a legislatura: 80% dos inquiridos são de opinião que seria o melhor o Governo manter-se em funções até ao final de legislatura. Em contrapartida, apenas 13% acham que seria melhor se o Governo não durasse tanto e 6% não se pronunciaram.

"Era melhor que o governo cumprisse a totalidade da legislatura".

% em relação ao total dos inquiridos em cada grupo



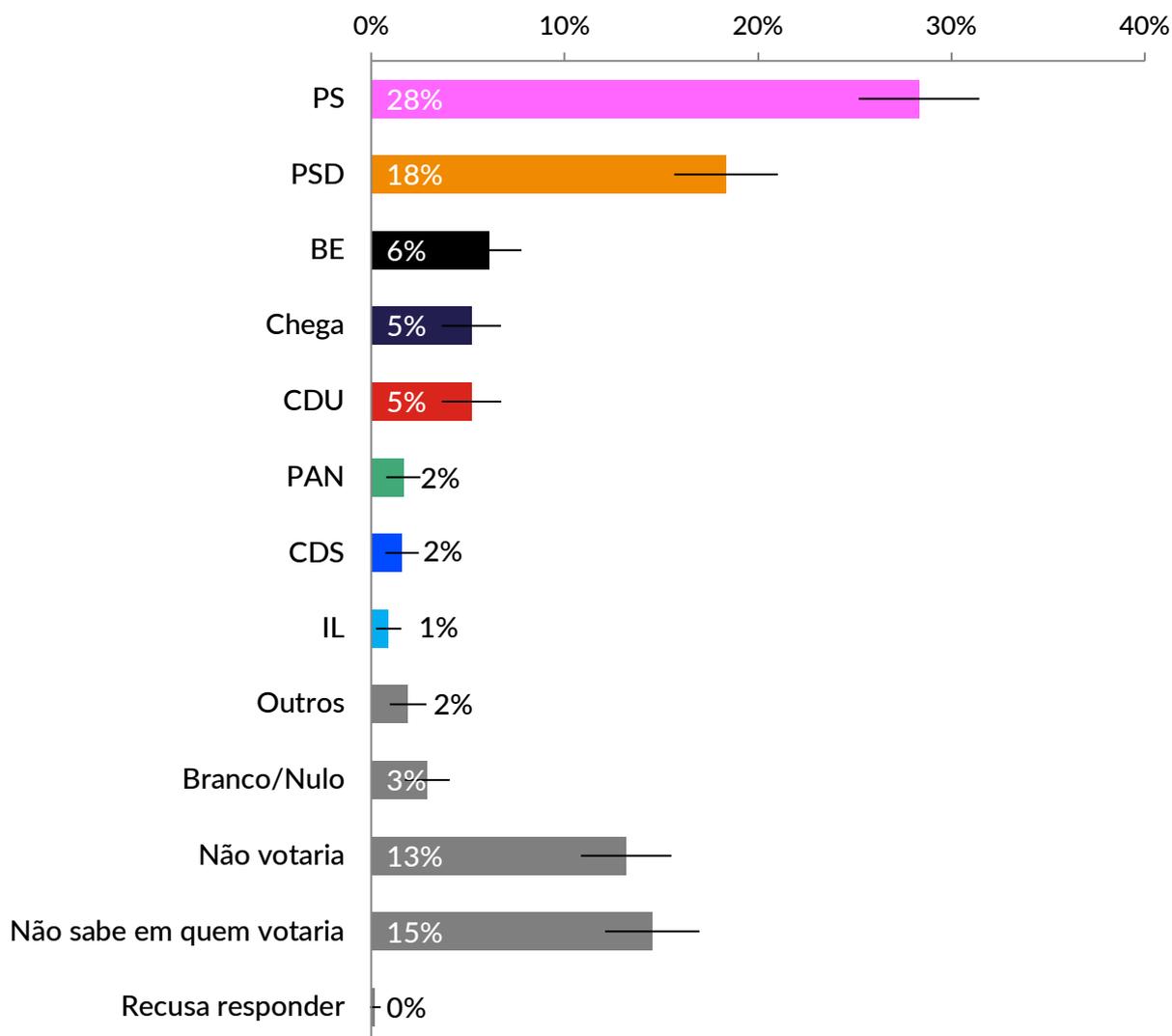
Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020

Também aqui as diferenças partidárias e de posicionamento ideológico têm pouco impacto nas respostas. Apesar de entre os simpatizantes do PS ou entre aqueles que se posicionam à esquerda a preferência pelo cumprimento da legislatura até ao final ser esmagadora, ultrapassando os 90%, são igualmente altas as percentagens encontradas nos simpatizantes do PSD (80%) ou nos inquiridos sem preferência partidária (74%), bem como nos que se colocam ideologicamente ao centro ou à direita (84% e 76%, respetivamente).

8. Intenção de voto em eleições legislativas

Como votaria se houvesse hoje eleições legislativas?

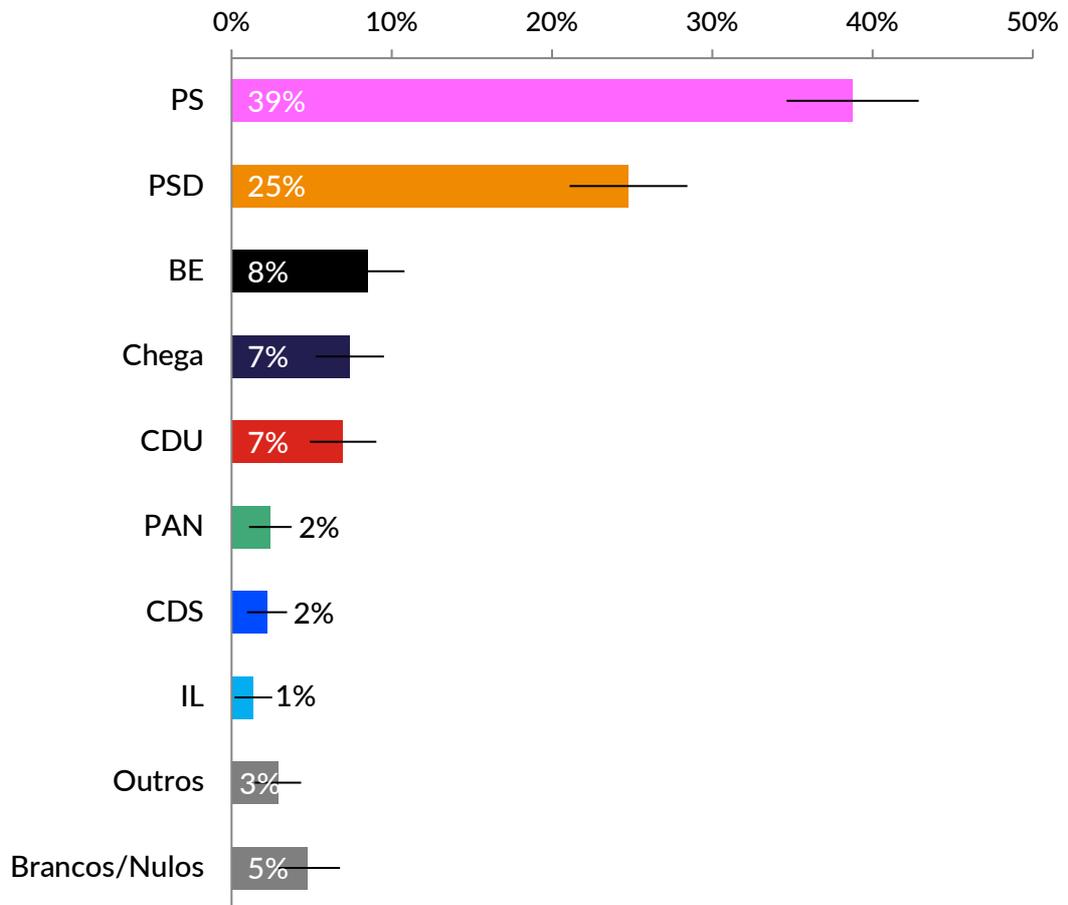
% em relação ao total da amostra



Recolha: 11 a 25 de novembro de 2020. "Abstenção" inclui: inquiridos que afirmam não tencionar votar nas próximas legislativas e que respondem "em geral nunca voto" a uma pergunta sobre comportamento de voto passado. Valores são arredondamentos à unidade.

Questionados sobre como votariam se as eleições legislativas fossem hoje, cerca de 15% dos inquiridos afirmam não saber. Outros 13% são eleitores que afirmam que não votariam ou que, numa questão sobre voto passado, afirmam que "em geral, nunca votam". Importa notar que este valor de 13% **não é diretamente comparável a possíveis valores oficiais de abstenção eleitoral**: os abstencionistas têm menor propensão a responder a estudos de opinião, a intenção de não votar tende a não ser plenamente assumida e a abstenção oficial é superior à abstenção "real" (devido ao fenómeno da chamada "abstenção técnica"). Para além dos partidos listados no gráfico, houve também inquiridos que declararam intenções de voto, em valores inferiores, nos seguintes partidos: PPM, Ergue-te, Nós, Cidadãos!, PCTP/MRPP, PURP, Aliança, Livre, PTP, MAS, e MPT.

Como votaria se houvesse hoje eleições legislativas? (estimativa de resultados eleitorais, excluindo abstenção e imputando indecisos)
% em relação ao total da amostra



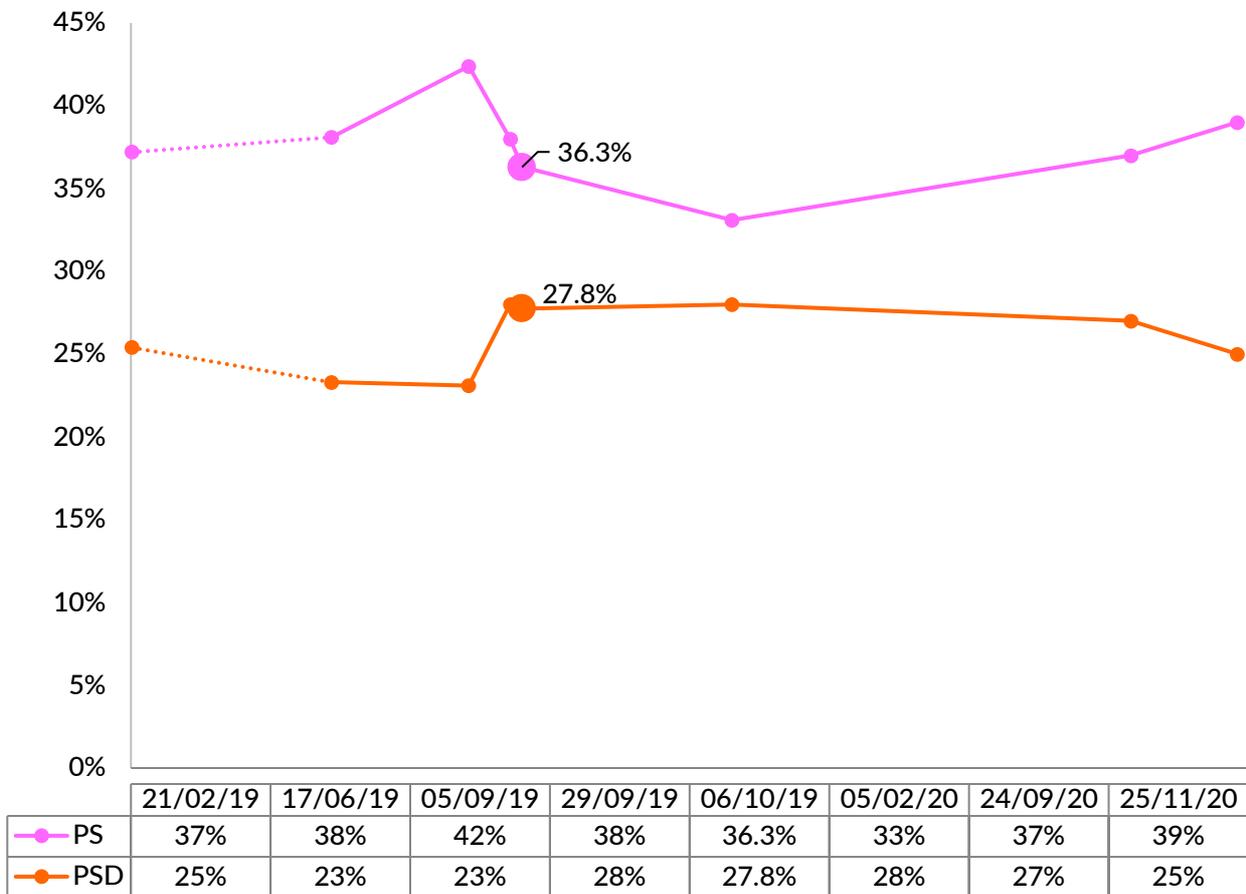
Recolha 11 a 25 de novembro de 2020. Valores são arredondamentos à unidade.

Para fins de comparação das intenções de voto obtidas com o formato convencional da distribuição de votos num ato eleitoral, foi preciso lidar com os cerca de 15% de inquiridos que declararam não saber em quem votariam ou que se recusaram a usar o boletim de voto. A opção seguida aqui foi a de utilizar uma metodologia de imputação. Simplificando, isso implica atribuir aos “indecisos” uma intenção de voto em cada partido, branco/nulo ou uma intenção de não votar, com base numa comparação entre algumas das suas características (posicionamento na escala esquerda/direita, simpatia partidária, e se declararam ter-se absterido de votar na eleição anterior) e as características daqueles que declararam uma intenção de voto ou de abstenção no inquérito. Após atribuição de intenções de comportamento eleitoral aos “indecisos”, o PS (39%) aparece com mais intenções de voto válidas do que o PSD (25%), uma vantagem estatisticamente significativa. Seguem-se BE, Chega, CDU, PAN, CDS-PP e IL. É fundamental considerar que o trabalho de campo foi conduzido fora de um contexto eleitoral, não podendo por isso estas estimativas serem interpretadas como expressão de intenções de voto plenamente cristalizadas, e menos ainda como previsões de um qualquer futuro resultado eleitoral.

Intenção de voto em eleições legislativas, excluindo abstenção e após imputação de indecisos e recusas

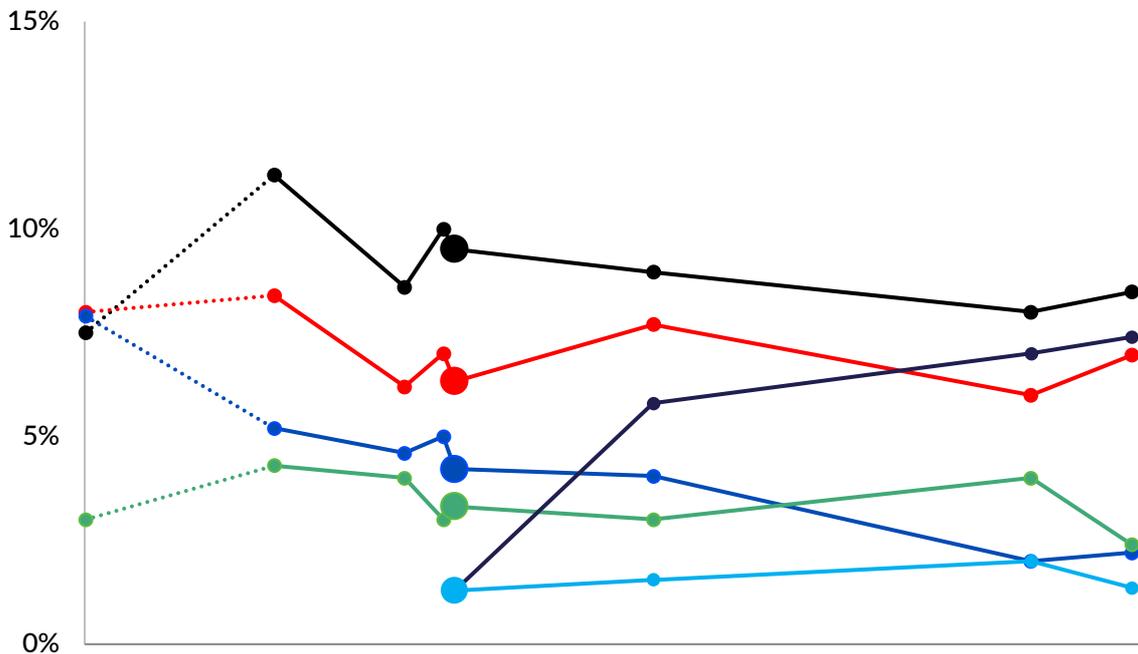
% em relação ao total de respostas válidas + brancos/nulos

Datas do último dia de recolha



O gráfico acima mostra a evolução das estimativas de intenção de voto para o PS e o PSD nas Sondagens ICS/ISCTE, assim como o resultado eleitoral de 6 de outubro de 2019. O resultado do PSD mantém-se estável desde as eleições: a descida na amostra de 27% para 25%, de setembro para novembro, não tem significância estatística. A intenção de voto no PS confirma a recuperação em relação a fevereiro de 2020 que já era visível na sondagem de setembro passado.

Intenção de voto em eleições legislativas, excluindo abstenção e após imputação de indecisos e recusas
 % em relação ao total de respostas válidas + brancos/nulos
 Datadas do último dia de recolha



	21/02/19	17/06/19	05/09/19	29/09/19	06/10/19	05/02/20	24/09/20	25/11/20
—●— BE	8%	11%	9%	10%	9.5%	9%	8%	8%
—●— CDU	8%	8%	6%	7%	6.3%	8%	6%	7%
—●— CDS	8%	5%	5%	5%	4.2%	4%	2%	2%
—●— PAN	3%	4%	4%	3%	3.3%	3%	4%	2%
—●— Chega					1.3%	6%	7%	7%
—●— IL					1.3%	2%	2%	1%

O gráfico acima mostra a evolução das estimativas de intenção de voto para os restantes partidos com representação parlamentar (com exceção do Livre, que teve intenções de voto inferiores a 1% nesta sondagem). A única mudança estatisticamente significativa em relação a setembro é a descida do PAN de 4% para 2%.

